



VIDA DE PROFESSORA

Narrativas heterobiográficas

Soymara Emilião

Soymara Emilião

Vida de professora
Narrativas heterobiográficas



Pedro & João
editores

Copyright © Soymara Emilião

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Soymara Emilião

Vida de professora narrativas heterobiográficas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 80p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-0786-5 [Digital]

1. Professora. 2. Narrativas heterobiográficas. 3. Vida docente. 4. Experiência de vida. I. Título.

CDD – 800/370

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023



Prefácio



Prezado leitor, prezada leitora,

Ao receber o convite para a escritura deste prefácio fiquei muito receosa, pois prefaciara um livro com escritas tão sensíveis é uma enorme responsabilidade.

Mas estas responsabilidades estão aí para nos desafiar. Então, sentindo-me desafiada, me propus a escrever estas palavras.

São poucas e são de afeto. Palavras que se desdobram pela admiração e parceria que temos tecido (eu e Soymara) ao longo da nossa jornada como professoras-pesquisadoras das e nas escolas.

Começo assim...

Este livro é resultado de um dos trabalhos mais incríveis que eu já conheci. Preciso dizer que li e reli esta frase muitas vezes, pois sei que parece uma frase clichê, pensei eu... Mas assim, não há outra que eu possa colocar no lugar, porque é exatamente isso que esse trabalho é.

Acompanho Soymara há muito tempo. Fomos colegas de docência trabalhando na mesma escola, fomos pontes uma para a outra, abrindo caminhos e descortinando horizontes que nem imaginávamos existir... colegas de pós-graduação e, hoje, parceiras de grupo de pesquisa.

Cada uma de nós tecendo no seu Colégio de Aplicação um projeto em comum – o ConPAS.

Por conta dessa vivência toda, que hoje posso dizer que é diária, nos falamos todos os dias, sobre tudo e sobre nada, me sinto muito a vontade para falar sobre o que tenho vivido com ela e, também, por meio dela.

Desde que estes escritos começaram a ser postados nas redes sociais, eu me surpreendi. Trabalho com narrativas docentes e elas sempre contam experiências vividas, mas aquela era uma forma diferente de contar.

Cada narrativa lida me aproximava mais da certeza de que narrativas são ficcionais. Ou seja, eu já sabia disso, eu estudo sobre isso, mas lendo o trabalho da Soy (só para os íntimos) fui consolidando e podendo pensar nessa ficção a partir de outras perspectivas.

Comecei a andar sempre acompanhada por elas. Em todos os encontros docentes que eu ia, fosse para apresentar trabalho, fosse para uma roda de conversa eu indicava, apresentava, narrava uma dessas histórias.

Cada narrativa assentada nessas folhas nasceu no trajeto Rio-Niterói e foi gestada pela e na experiência vivida pela Velha professora contadora de histórias.

São todas heterobiografias, histórias que são contadas por ela, mas somente possíveis porque ela conviveu, viveu, riu, experienciou com diferentes sujeitos: crianças, professoras, famílias, amigas, merendeiras, faxineiras... É isso, narrar nossas histórias docentes é um movimento necessário e Soy mara faz isso muito bem.

As narrativas docentes precisam ser compartilhadas mostrando que a escola é e está muito além daquilo que se imagina que ela deve ser.

As narrativas deste livro cumprem esse papel, pois mostram escolas e sujeitos que a constituem com suas forças, fragilidades, desvios, desafios e possibilidades.

A escola é vida que pulsa, é pensamento e ação desviantes que se tecem nas brechas do cotidiano escolar, constituindo diversas possibilidades no instituído.

Possibilidades amorosas como nos ensinou Paulo Freire, possibilidades dignas e carregadas de justiça.

Que narrativas como essas, tecidas nos cotidianos das escolas e movidas pela denúncia e pelo compromisso com a educação sejam multiplicadas.

Com carinho e admiração

Graça Reis

Doutora e Mestre em Educação pelo ProPED/UERJ. Professora do Colégio de Aplicação (CAp) e do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Líder do grupo de pesquisa "Conversas entre professorXs: alteridades e singularidades" (ConPAS/CAp/UFRJ). Coordenadora do Projeto de pesquisa e extensão "Os materiais narrativos e a produção curricular: desafios e possibilidades". Jovem Cientista do Nosso Estado FAPERJ



Apresentação



*Se tens um coração de ferro, bom proveito.
O meu, fizeram-no de carne, e sangra todo dia.
José Saramago (A segunda vida de Francisco de Assis)*

As narrativas que preenchem as páginas desse e-book são feitas de acontecimentos minúsculos, muitas vezes, invisíveis. Não há ineditismo, fatos memoráveis, grandes soluções. São desconhecidas dos grandes manuais pedagógicos, dos tratados didáticos, dos acadêmicos em suas salas refrigeradas.

Entretanto, narrar as desimpontâncias foi uma atitude para sobreviver. As histórias que vivia com as crianças e colegas professoras, iam me tomando por inteiro, todos os dias, inclusive nos momentos de folga. Como Saramago, meu coração de carne, sangrava todo dia. O organismo não aguentou e adoeceu. Recebi conselhos para diminuir o ritmo de trabalho, não me envolver com o que acontecia no trabalho, o que, é claro, não era possível.

Para me “esvaziar” daquilo que me deixava impactada, encantada, triste e/ou estressada, pelas experiências que me atravessava, passei a escrevê-las, no trajeto entre uma escola e outra, no sacolejo dos ônibus. O meu objetivo era ir registrando para um interlocutor imaginário, depositando em um lugar virtual, fora de mim, aquilo que vinha me atravessando (LARROSA, 2015).

Por uma questão de ética profissional, para não expor os protagonistas e as situações vividas, comecei a utilizar uma linguagem que lembrava uma narrativa ficcional, muitas vezes empregando os verbos no pretérito e, quando a situação envolvia a mesma criança ou professora de narrativas anteriores, criava personagens para as protagonista. Eu, por exemplo, tornei-me a “velha professora”

Compondo as narrativas a partir das percepções e do sensível, na rasura entre a realidade e a invenção, apostava na possibilidade de uma compreensão ampliada da rica pluralidade imaginativa, cognitiva e curricular que vivenciava nas escolas e que, a meu ver, permanecia invisibilizada nos documentos sobre as escolas e docentes.

É a possibilidade de uma compreensão ampliada da rica pluralidade imaginativa, cognitiva e curricular que vivenciava nas escolas e que, a meu ver, permanecia invisibilizada nos documentos sobre as escolas e docentes.


Compartilhava as escritas com uma hashtag #vidadeprofessora. Imaginava que, ao registrar o acontecido, o dito, o pensado e partilhado nas salas de aula daqueles momentos preciosos (a meu ver) de vida e de invenção, com o desejo de “levantar o véu” e apresentar outras compreensões, neste caso, sobre a docência, dos estudantes e das escolas.

Como uma Sherazade das escolas, as narrativas me salvam da morte. Neste caso, de uma morte metafórica, da preservação da saúde e da sanidade mental, diante dos inúmeros desafios e pressões psicológicas que vivo cotidianamente. Mas, também, é um modo de resistência a uma morte política, dos saberes docentes, da importância e da beleza de ser professora.


Eu sigo narrando, colecionando experiências. A dor não me paralisa nem me adocece. As palavras me ensinaram a tomar distância do vivido e encontrar saídas. Hoje, sou uma velha professora narradora, e seguirei sendo, enquanto as crianças e os acontecimentos das/nas escolas continuarem me encantando, tal qual o brilho dos vaga-lumes em uma noite escura.

Soymara Emilião

Doutora e Mestre em Educação, pelo PROPED -UERJ. Cursando o Pós-doutorado na PPGE-UFRJ. Professora Assistente CaP-UERJ e Pedagoga da Rede Municipal de Niterói.. Coordenadora do projeto de pesquisa e extensão "Conversas entre professorXs: alteridades e singularidades" no CAp/UERJ. Coordenadora do curso de extensão ConMat: Conversas matemáticas com professoras alfabetizadoras. Membro do Conversa com professores: alteridades e singularidades - ConPAS-UFRJ, Diálogos Escolas-Universidade e Polifonia.



Sumário



1. As crianças nos ensinam	8
2. A dura rotina	18
3. Sobreviventes	27
4. Assunto de criança	38
5. Escola na pandemia	47
6. Recreios	55
7. Não é só comida	63
8. “Oh! Bendito o que semeia livros a mão cheia...”	71



As crianças nos ensinam



ADMIRAÇÃO

A equipe ficara preocupada. Seria a primeira vez que o menino deficiente visual teria uma professora igualmente privada da visão. Logo ele, que negava a cegueira como destino, e clamava dia e noite pelo milagre divino da alfabetização em tinta. Porém, o infante desconcerta os adultos quando afirma:

- Vai ser ótimo, pessoal! Eu e ela vemos o mundo do mesmo jeito.



EMPATIA

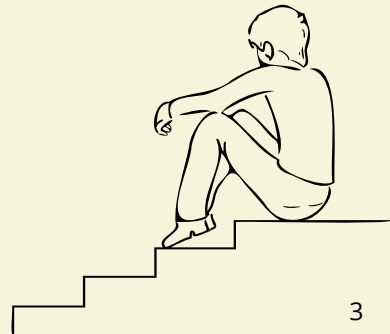
A velha professora precisou ir em uma turma para verificar a denúncia de um conflito entre estudantes, ocorrido na praça, ao lado da escola. Entre os envolvidos um rapazote vindo de outra unidade escolar, com rótulo de violento, mas que, até então, se mostrara educado e tranquilo.

Conversando com as partes, os que se consideravam "vitimas" estavam ansiosos para "acusar" o forasteiro, que se mantinha de olhos baixos.

Quando voltou-se para ele, interessada em ouvir sua versão, quem tomou a frente foi um outro menino tranquilo e muito quieto, com sinais de transtornos severos de aprendizagem.

- Ele só estava me defendendo!

Surpresa com a veemência daquele sempre silencioso, a professora começou a entender: as "vitimas", na verdade, haviam caçoado do menino que não aprendia, jogando sua garrafa de água entre eles, fazendo-o de bobinho, sem atender o pedido para a devolução de seu pertence.



Assim, coube ao rapazote recém chegado e com fama de mau, interferir e socorrer o colega, em uma atitude corajosa e nobre.

- Eu já senti a injustiça, tia. Não suporto! Por isso, me envolvi para defender o colega.



AMIZADE

Eles não estão no padrão. Múltiplos diagnósticos davam justificativas para muitos não: não pode, não sabe, não é capaz.

Mas, hoje foi dia de reafirmar para a velha professora que eles não são enquadráveis em rótulos.

Um deles propôs uma atividade que encantou toda turma. Comandou as ações com propriedade, calma, paciência e esmero.

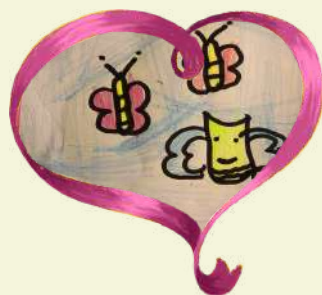
Ao final, quando todos debandaram, diante do encerramento da aula, percebeu que o colega que, como ele, carregava laudos e CIDs, não conseguira acompanhar suas coordenadas e estava triste num canto.

Não se fez de rogado. Diante da sala vazia, foi na direção do amigo e disse:

- Não fica assim. Vamos fazer juntos. Eu te amo, amigo.

E começou a ensinar o colega, até que ele conseguisse.

Depois, ambos pegaram suas mochilas e saíram rindo, ensinando a docente algo que não está em livros, manuais ou metodologias, mas é a própria essência da vida.



BELEZA

- Professora, corre aqui!! Rápido! - gritam os meninos.

- Aconteceu alguma coisa? - Já aflita, em meio ao tumulto da festa escolar.

- Não! Mas a gente quer que você tire uma foto nossa. Estamos lindos com essa carranca que fizemos na aula de artes.

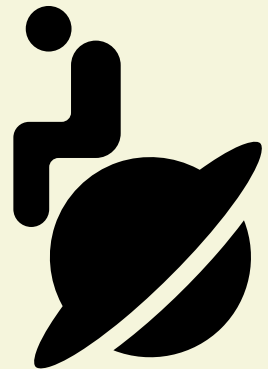


ANSIEDADE

Naquela noite fria de sexta-feira, depois de uma semana inteira cheia de frustrações profissionais, uma mensagem chegou no celular da velha professora. Era do menino que não tinha ninguém e que o " movimento" queria cativar.

Com voz carinhosa, o infante chamava-a de tia, apesar de nem conhece-la e contou-lhe as novidades:

- Tia, eu fui lá, tá? Foi bem legal ! Ela deixou que eu me expressasse e eu pude falar dessas coisas que doem meu coração, mas que não quero repetir agora não. Outro dia eu te conto. Só de falar com ela, me senti melhor e prometi a mim mesmo que vou pegar as apostilas na escola e vou estudar. Tia, eu prometi isso para ela e agora para você e para mim também. Você marca outro encontro com psicóloga?



SURPRESA

O menino descumpriu os combinados da sala de aula, avançando sobre todos os limites, levando a velha professora à loucura.

Na saída, diante da cara brava da docente, não titubeou:

- Tchau, tia! A aula foi maravilhosa. Quer dizer, esplêndida!



A GRATIDÃO

O menino de olhos vermelhos caiu sem paraquedas naquela turma. Era final de junho. Turma diferente, esquisita, talvez pensasse. E não ia ficar por baixo, deixar que percebessem seu pequeno conhecimento sobre letras e palavras. Pensou em usar sua tática de sempre: enfrentar!

Não contava que aquela professora fosse louca, louquinha de pedra: ela gritava, aflagava, brincava, brigava, cantava, ria, dançava e chorava, tudo assim, muito.

Outra dificuldade: não tinha parceria. Suas birras ficavam no ar como poeira, ninguém ria e apoiava. Todo mundo igual a professora, loucos por letras, palavras e números.

Assim, sem saída, o menino de olhos vermelhos, entre confuso e surpreso, entregou-se ao fluxo da turma, embarcou na loucura cotidiana de aprender.

Duas semanas depois da chegada, um tempo longo na cronologia infantil, quando provocado a escrever um bilhete para aquela velha louca que chamavam de professora, disse:

- Me ajuda a escrever: "Eu quero que você seja minha segunda mãe".



A AMOROSIDADE

A menina parecia tímida e, ao atravessar as grossas lentes de seu óculos, podia-se perceber que havia uma profundidade de saberes e sentidos.

A velha professora tinha empatia pela menina, porque sabia como era viver dentro de um interior tão denso. Também compreendia os atrasos, as atividades de casa sem fazer, o cansaço, já que, como a infante, sempre morou distante da escola. Mas disfarçava esse carinho... por uma timidez.

Hoje, em meio a correria da aula, assoberbada entre demandas e solicitações, a menina veio a sua mesa com um desenho em um pedaço de papel.

- É pra você. Eu te vejo assim.

E voltou para sua mesa.

De alguma forma, a empatia era recíproca.





A dura rotina



O TEMPO

Chega dezembro e todo cansaço do mundo está nos ombros da velha professora.

Acrescente a isso aquele calor infernal que lhe empapa a roupa e os cabelos. Não há mais batom ou resto de dignidade.

No meio do caos, a menina pede:

- Deixa eu te ver sem óculos de grau.

A docente fica intrigada com o pedido, mas está mais interessada em tirar o adorno para que possa limpar melhor o rosto coberto de suor.

A criança observa o rosto cansado, suado, as olheiras fundas do sono curto e das mil responsabilidades e diz:

-Legal! Interessante como o óculos levanta seu rosto.

A velha entendeu que "levantar" queria dizer esconder as marcas do tempo e ficou feliz com a delicadeza infantil.



A TRISTEZA

A professora vivia dividida: entre o amor pelo ofício e o cansaço extremo causado por ele, a raiva do pequeno salário e o afeto pelos estudantes, entre a necessidade de férias e a saudade da rotina...

Hoje, não foi diferente na vida dela. Não havia dormido direito, ansiosa pela expedição escolar, tão meticulosamente planejada, e durante o percurso, entre casarios antigos e árvores, lê a notícia que um pequeno, de outra escola, tinha sido atropelado a caminho da escola.

Um buraco se abre aos seus pés. Continua o caminho, tristíssima e preocupada com as condições do menino hospitalizado e, da mesma forma, encantada com os muitos saberes que seus estudantes estavam construindo, ao sair da sala de aula e ler o mundo. A vida mais uma vez, a dividindo ao meio.



O CANSAÇO

Vamos falar sobre o cansaço? Aquele mental, físico, emocional? Aquele que, a partir de outubro, invade o corpo da velha professora e sei de muitos colegas de ofício?

Esgotamento total de um trabalho que envolve todo o corpo e a alma, que é solitário quando devia ser coletivo, que é profundamente pesado porque envolve o passado-presente-futuro, que é pequeno e cheio da vida que nos escoa pelas mãos.

Um ofício que só é alegria quando nossos olhos se encontram com os dos infantes porque, em torno da criança e da professora, a batalha é imensa e triste: lutamos entre nós, na escola (e isso é lamentável), com instâncias superiores e superiores dos superiores, com a violência-pobreza-descaso que nos cerca, camadas e camadas de maldades que nos soterra.

O que sobra somos nós com os pequenos, naquele pequeno bolsão de ar e esperança, criando a utopia de um mundo outro e melhor . É extenuante demais!



O DESPRESTÍGIO

Um dia difícil. Todos temos. Era esse. A professora estava abatida. Tristeza, doença, cansaço, sei lá!

No ponto do ônibus, é abordada por uma mulher:

- Com licença! Boa tarde. Desculpe te atrapalhar, mas eu sou professora e nesses tempos de crise, estou aqui oferecendo 2 paçocas por 1 real. A senhora aceita?

A cabeça roda, gira, na onda do preconceito e da surpresa. Ainda se recompõe, quando uma outra mulher, igualmente esperando o ônibus, puxa conversa:

- Papo estranho dessa mulher, né? Precisa dizer que é professora pra vender paçoca? Até parece que é grande coisa. Aguentar criança, levar navalhada na cara, tá todo dia na rede social . Eu prefiro muito mais ser empregada doméstica. Ganho mais e sou super bem tratada pelas minhas patroas. Professora? Grande coisa!

A ouvinte não tem forças para contra-argumentar nem de confessar que é professora. Recolhe seus pedaços de humilhação, coloca na bolsa e ora aos céus por um dia melhor.



A FRAGILIDADE

A velha professora andava cansada. Não das crianças e nem da docência, respiro agradável do seu dia. O cansaço era de outra ordem e envolvia o mundo, tão cruel, feio, desigual. Ela, uma doida utópica, sentia que sua esperança estava frágil, como um bem-te-vi de asa quebrada. Seu canto, antes excitado e forte, agora era só lamento. Algum milagre precisava acontecer...



O MEDO

Os tempos eram sombrios: doença, mortes, fome, desmandos, autoritarismo, desgoverno... Andava difícil esperar!

A velha professora vivia a crise política, sanitária, educacional, ética, como uma dor na carne. Não havia um horizonte a contemplar.

Como seguir fabulando e encantando um futuro, encarnados nas crianças que amava à distância, se tudo era pantanoso e obscuro?

Buscava a literatura, as artes e o afeto para segurar sua sanidade, mas seus recursos estavam findando. Não era fácil, quando seu ponto de contato com os outros era a fria mídia que impedia inflamar dos corpos e emoções, condição para as conexões que amava.

Sabia que o que era antes não existirá mais, e o que virá será algo diferente, mais excludente, frio, doente, vil. Como seria ser docente de um mundo doente? Sobraria o sonho da invenção de outro mundo, mergulhar nos meandros da utopia, isso ninguém roubaria dela. O sonho era seu último território inviolável.



A ROTINA

A rotina é bruta. Não há batom ou penteado que resista a uma sala de aula com pequenos. O corpo sua, o cabelo gruda, as pernas doem. Quando os infantes vão pra casa, o que sobra é exaustão.

Entretanto, os momentos com eles provocam outras sensações dentro dela. Um processo mágico e viciante ocorre, uma festa no peito, uma comemoração de alma que se enche de beleza, alegria e entusiasmo pela vida, a natureza, pelo outro, por eles. Fica bonita por dentro.



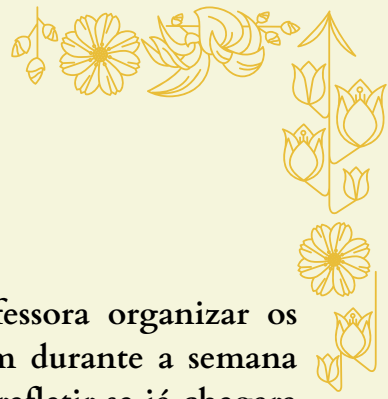
O AMOR

Sábado era dia da velha professora organizar os infinitos papéis que se acumulavam durante a semana corrida. Era também momento de refletir se já chegara a hora de parar. Tanto cansaço, tantas dificuldades.

Entretanto, encontra um bilhete daquele que ontem lhe pediu um abraço de despedida. A resposta estava ali. Ela não saberia viver sem esse amor.

Na cartinha, estava escrito:

*“Eu te amo muito tia e aposto que
a turma toda também te ama.
Beijos e abraços”.*





Sobreviventes



A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL

O menino marrento era faltoso na escola. Com 10 anos, era dono do próprio nariz, por vocação para liderança e pelo abandono parental.

Um dia descolou um freelance: arrumar uns colegas para, juntos, levando tijolos morro acima, descarregando um caminhão. O trabalho era pesado e insalubre até para adultos.

Talvez, por falta de opção, aceitou com gosto e se dedicou à empreitada durante todo sábado e domingo. Ao final, só havia restado duas crianças: ele e outro amigo que precisava daquele dinheiro para se alimentar.

Diante da exaustão do infante, a mãe aconselhou:

-Larga isso. É pesado demais.

Mas o infante era tinoso:

- Peguei o trabalho. Tenho que terminar.

Na segunda-feira, exausto, faltou a escola. Na terça-feira, foi a escola e contou essa história para a professora, se orgulhando em dizer que, após o trabalho, antes de desmaiar de cansaço, teve tempo de presentear a mãe, o irmão mais velho e o mais novo com um quinhão do seu esforço.



A NEGLIGÊNCIA

Imagine uma vida dura. Multiplique por 50 e chegará próximo da luta da menina: pobreza, abandono, violência, fome.

Na escola, explodia a revolta e a rebeldia, a incompreensão e o inconformismo por tanta dificuldade.

Entretanto, é justo reconhecer que era admirada pela inteligência sobrecomum e o desejo de conhecimento, apesar do corpo indolente e sofrido.

Para variar, hoje foi retirada de sala e levada para uma conversa na coordenação. O que falar? Que você também tem raiva do Estado que abandona seus cidadãos? E que sabe que ela é vitimada em sua infância por adultos? E que a escola, em sua estrutura arcaica e envelhecida, não comporta um corpo com tantas marcas?

- Vem cá, menina. Me dá um abraço.

A menina rompe o silêncio com um choro profundo.



O RACISMO

Sabe aquele momento do almoço, entre os dois turnos de aula, em que você e suas companheiras aproveitam para falar da vida? Era assim que estávamos, eu e outras duas, uma delas, uma jovem professora, brilhante, dedicada, estudiosa, talentosa.

Nesse conversa despretensiosa, desabafa sobre o dia que entrou em uma loja de departamento com sua filhinha no colo e do imediato deslocamento de segurança para perto dela Como se sentiu como se fosse uma ameaça para o local, ela e seu bebê. Relata que sua única reação foi, com olhar aflito, procurar seu companheiro, que tinha ficado na porta do estabelecimento, preferindo não acompanhá-la, talvez prevendo tal "embaraço".

Eu, nem acreditava no que ouvia, diante daquela professora incrível, boa mãe, esposa e filha, responsável pelo futuro de tantas crianças

Ela completou o relato:

- Isso acontece o tempo todo. Basta entrar em algum lugar que sou dada como suspeita só pela cor da minha pele.

Isso faz uns dias, mas essa imagem, sua voz, conversa, permanece latejando na minha consciência.



A FOME

Ao chegar em sala de aula, a velha professora foi abordada por dois pequenos estudantes.

- Professora, meu gatinho morreu. Ele não conseguia fazer xixi, estava muito tristonho. Todo mundo lá em casa chorou muito.

- Lá em casa foi meu hamister - Interrompe outro infante.

E a docente pergunta:

- Ele estava doente?

- Não. É que a gente não tinha mais dinheiro para comprar a comida dele. Ele, coitadinho, morreu de fome.



O ASSOMBRO

As três irmãs: “as brigonas”, “as bocas-sujas”, “as filhas da cracuda”, “as mortas de fome”, “as que não tem material escola algum”, as que, já não sendo, não serão ninguém. Eram alguns rótulos que carregavam as 3 meninas.

Por coincidência, o dia da festa coletiva promovida pela escola para os aniversariantes do trimestre, ocorreu exatamente no dia do aniversário de uma delas.

Em segredo e no tempo roubado da aula, as irmãs prepararam singelos cartazes coloridos de felicitações para aquela que estava ficando mais velha.

Quando a diretora anunciou o nome da aniversariante, as irmãs levantaram os cartazes, surpreendendo não só a menina, como a todos que assistiram a cena, testemunhas daquele gesto de carinho e amor que brotava em palavras-afeições.

Com o ato, para quem tem olhos para ver, as meninas ensinaram que são muito mais do que a maldade humana insistia em as aprisionar e eram como as flores que brotavam da embrutecida pedra.



O ABANDONO

No sol de outono, as crianças brincavam no pequeno pátio da escola, provocando muitos sons, alegria e energia pura. A professora, em deleite, contemplava a cena.

A menina que tremeu de fome se aproximou, sentou no colo da adulta, sem pedir licença e com seus pequenos bracinhos, enlaçou pescoço e repousou a cabeça no ombro dessa.

- Vai brincar, menina! - Disse a docente, com a intenção que a menina aproveitasse o tempo livre.

Entretanto, a infante, com os olhinhos fechados, sacudiu levemente a cabeça, negando o convite e com sorriso no rosto, continuou ali, como se fosse um bebê.

E lembrando de toda história de menina, a professora sentiu que estava fazendo parte da fantasia da criança, tão comum nas brincadeiras infantis. Entretanto, a criação não era a reprodução de algo que a pequena viveu, e sim, o que desejava viver. Sabia ainda, que o colo desejado não era o dela, mera estranha. Ali era uma personagem no faz de conta da menina que queria uma mãe.



AS VIOLÊNCIAS

Ao chegar em sala de aula, a professora percebeu que havia uma pergunta na lousa:

"Se tivesse poder, o que faria desaparecer no mundo?"

A provocação interrogativa "pegou" os meninos e meninas, entre 8 a 10 anos, que também chegaram ali e de forma espontânea, começaram a responder:

- Os tiroteios.
- Os carros. Só eu teria.
- O desperdício.
- A fome.
- Os bandidos.
- A escola.

NÃO!



O ABANDONO II

Um passeio fora agendado e era preciso a assinatura do responsável. Mas o menino sempre fora responsável por si mesmo. Nunca teve alguém nas reuniões, eventos da escola, buscando-o na saída. Ninguém olhava seus cadernos nem o ajudava com as tarefas ou arrumava o uniforme e almoço antes da aula.

Ele só tinha 11 anos. Era dono de seu nariz, e ele sabia.

Diante do papel da autorização fez a única atitude possível: assinou o bilhete



A INSEGURANÇA

São 2 estudantes. Estão na escola há 6 meses e, apesar de duas reuniões de responsáveis, a professora não conhece seus pais.

Fazem o trajeto casa-escola-casa sozinhos e só possuem 6 anos.

Todo o material escolar que possuem foi doado pela escola e outros. Por vezes, vão sem agasalho, apesar do frio.

As atividades de casa nunca são realizadas. Os livros emprestados, nunca lidos, apesar dos olhos brilhantes quando assistem a contação em sala de aula. São os que possuem a maior quantidade de faltas. O rendimento é abaixo da média da turma

Naquele dia, foram chamados para jogos de palavras com a professora, um apoio escolar. Durante 60 minutos foram desafiados, questionados, desestabilizados. Ao final, após um abraço fraterno, pediram:

- Amanhã você chama a gente de novo?



A CRUELDADE

Era para ser uma roda de novidades pós-feriadão. As crianças, em torno da velha professora, contavam as brincadeiras, sobre a vida e as aventuras. Até chegar no menino que veio do Alemão. Ele chegou atrasado, sentou na rodinha e escondeu o rosto entre as penas, murmurou que não queria participar.

O colega explica:

- Ele está assim porque o padrasto colocou ele pra fora de casa.

A professora fica atordoada. Como assim?

O outro explica:

- Ele ficou andando pelo morro. Minha mãe ficou com pena, deu almoço e deixou que ficasse um pouco na minha casa.

Ainda sem acreditar no que ouvia, a docente buscava mais informações:

- Quando anoiteceu, a mãe dele abriu a porta e deixou-o entrar.

Ainda de cabeça baixa, menino confirmou: - Ela gosta muito de mim.

Sem palavras, abalada com o relato que ouviu, abraça o menino, tenta disfarçar seu espanto e tristeza diante da dureza da vida daquelas crianças. Prefere mudar de assunto, pede que outro estudante contasse sobre o final de semana para que as crianças não percebam as lágrimas que teimam em surgir em sua face.





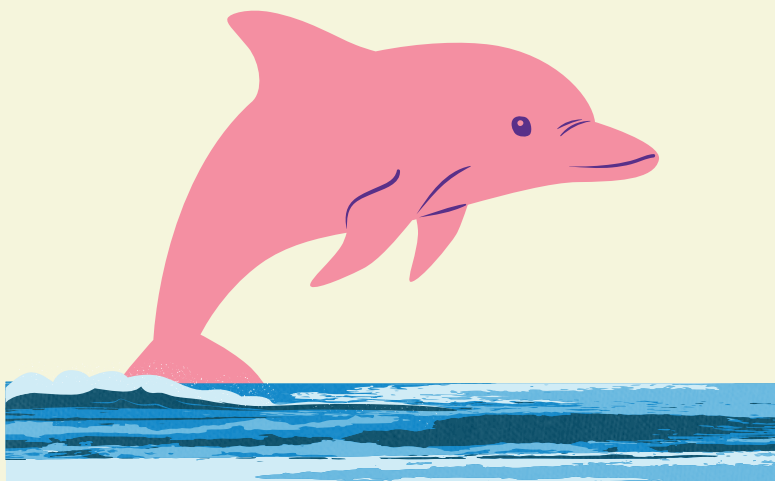
Assunto de criança



FEMINISMO

A aula era sobre mitos e lendas e a menina que vai ser poeta lembrou do boto cor de rosa. Mas foi interpelada pelo infante de 7 anos:

- Ei, garota! Está sendo machista!! Esse negócio de rosa e azul é coisa machista. O boto pode ser da cor que ele quiser.



FEMINISMO II

A docente tinha o hábito de marcar a página do livro didático, localizando a atividade de casa, com pequenos papéis adesivos coloridos. Naquele dia eram da cor rosa.

Um dos meninos da turma, de 7 anos, reclamou:

- Rosa não! Quero de outra cor.

Ficou isolado, o coitado.

Os colegas intervieram :

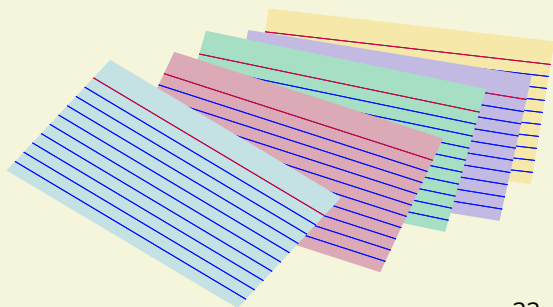
- Você está sendo machista!

- O que tem de ser rosa? É a cor preferida do meu pai.

- Meu pai tem camisa rosa e eu também.

- Isso é tão antigo, de rosa ser de menina.

- Eu gosto de rosa! Pode colocar, professora.



O MACHISMO

Era a hora do cantinho da leitura. As crianças, entre os livros, liam e comentavam sobre as histórias e as ilustrações.

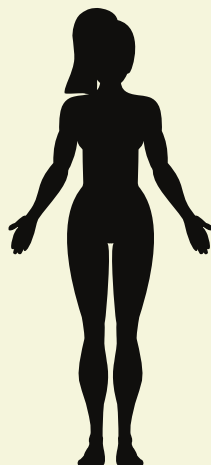
Auxiliando alguns alunos que ainda terminavam a tarefa de aula, a professora se mantinha atenta aos comentários que circulavam entre aqueles que liam, quando ouviu as vozes alteradas entre dois meninos de 7 anos.

- Olha, a mulher tá pelada!

- Para com isso! Você está sendo machista!

A docente se aproximou, procurando entender o imbróglio, causado por uma ilustração contida no livro didático de Ciências. Coube a um dos meninos a explicação:

- Ele foi machista porque apontou para essa imagem e riu. O corpo de uma mulher precisa ser respeitado.



AS VÍTIMAS

Na roda de notícias, a partir de uma das reportagens sobre feminicídio, trazida por um dos estudantes, a conversa descambou sobre a violência contra a mulher.

Tratava-se de um dialogo delicado com infantes de 8 anos, mas importante e possível. As crianças não estavam apartados do mundo e de suas mazelas e o tempo demonstrou que ter investido nesse tema mostrou sua importância.

A menina com problemas de aprendizagem, que era sempre calada e tímida, surpreendentemente, entrou no debate:

- Minha mãe tem 35 anos e meu padrasto, 70. Ele é machista e bate nela sempre.



O DEMODÊ

Diante de desafios matemáticos do livro didático, ambientadas na cozinha com personagens femininas, a professora provoca:

- A cozinha é lugar só de mulher?

Muitos se manifestaram contra a situação retratada e contaram as experiências culinárias de pais, padrastos e avôs.

Mas um menino discordou:

- Eu sou machista ! Cozinha é lugar de mulher, sim!

Porém, não ficou sem resposta. A menina, que um dia tremeu de fome, colocou as mãos na cintura e decretou:

- O senhor tá com pensamento ultrapassado. Tá fora de moda, sabia?



A REALIDADE

- Professora, o que você seria se não fosse professora?
 - Querido, se eu tivesse outra vida, escolheria ser professora de novo.
 - Não vale! Outra profissão.
 - Então, eu escolheria a política para fazer leis em benefício da educação.
 - Ah, não! Você ia morrer?
 - Como assim? Por que?
 - A senhora sabe que político que quer fazer alguma coisa pela gente, morre logo.
- O menino só tinha 9 anos.



COMPREENDENDO A DOR DO RACISMO

Depois de uma roda de conversa a partir de uma leitura literária, a menina de 8 anos ficou com um semblante triste, e disse :

- Quando eu cheguei aqui, nesta escola, no primeiro ano, eu brincava de ficar pulando, de muita felicidade. Alguns colegas ficavam me chamando de macaca. Eu achava que era por esse meu jeito. Hoje, entendi que estava sofrendo racismo.



A COMPLEXIDADE DO RACISMO

Era hora do recreio. Entre o alarido feliz das crianças, um estranhamento ocorre em três estudantes.

A professora intervém e busca ouvi-los:

- Eles me chamaram de nariz de chapoca - Reclama a menina.

- Você começou. Disse que somos angolanos. - Acusa os dois meninos.

A adulta confusa, procura entender .

- Mas chamá-los de angolano é uma ofensa? Assim é como são chamados os nascido em Angola, um país africano lindo, que fala português como nós- argumenta com infantes.

E a resposta foi surpreendente:

- Tia, esquece. Você não está entendendo. Aqui, quando se “acusa” o outro de angolano, ela quer dizer que eu sou mais preto e mais pobre que ela.





Escola na pandemia



A ARIDEZ

No tempo árido da pandemia, a velha professora aprendia, nas chicotadas de "nãos" que brotavam dos "bits ":

- Não, eu não tenho espaço no meu celular.
- Não tive tempo para ver o vídeo.
- Não, meu pacote de dados acabou.
- Não, quero é dever!
- Não, meu celular não é para isso.
- Não sei mexer nessa ferramenta.
- Não, isso não me interessa.

E como uma professora-mendiga, vagava nas redes, inventando um outro modo para continuar sendo a velha professora, porque sabia que o dia que a docente morresse, a velha morreria também.

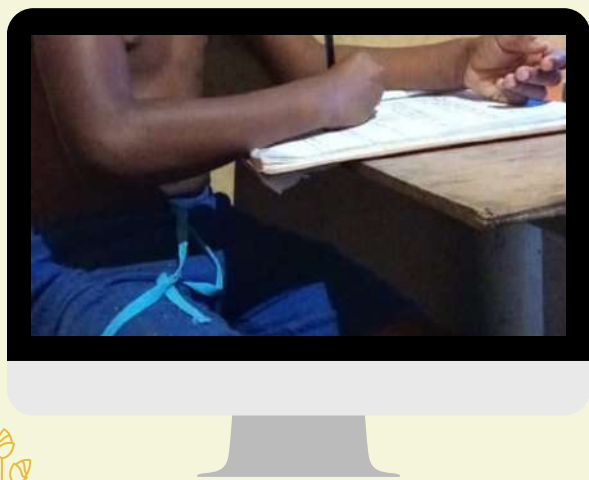


O ESFORÇO

Nos tempos da pandemia, afastados da escola, as crianças buscavam aproximação e afeto das professoras pelas vias remotas.

E foi assim que o menino fez questão de enviar uma foto, na tentativa de demonstrar que se esforçava para permanecer estudando, mesmo que necessitasse ficar de lado, na mesa improvisada feita de um pedaço de tábua e que suas longas pernas de quase adolescente, precisassem ficar esticadas na cama.

Sim, ele insistia, a despeito de tantos não.



ASSUMINDO A PRÓPRIA VIDA

Naquela escola era dia de reunião de responsáveis, ainda no período remoto da grande pandemia.

Tudo tinha sido organizado pelos diversos departamentos, com links distribuídos e disponibilizados com devida antecedência.

Os assuntos foram produzidos em coletivos pelos professores.

No início do encontro da turma do 3º ano do E.F. o ambiente era austero e formal, as indagações complexas. Pais e mães preocupados e desejosos para entender os processos de avaliação e frequência.

Quase ao final, depois de responder muitos questionamentos, percebendo o silêncio de uma determinada família, a professora provocou a participação

- Família X, vocês podem se posicionar sobre essa questão?

Pelo chat chegou a resposta.

- Professora, sou eu que estou participando e anotando tudo que vocês falando. Meus pais estão muito ocupados no trabalho e não puderam estar aqui. Depois, quando eles chegarem à noite, eles darão essa resposta para a senhora.

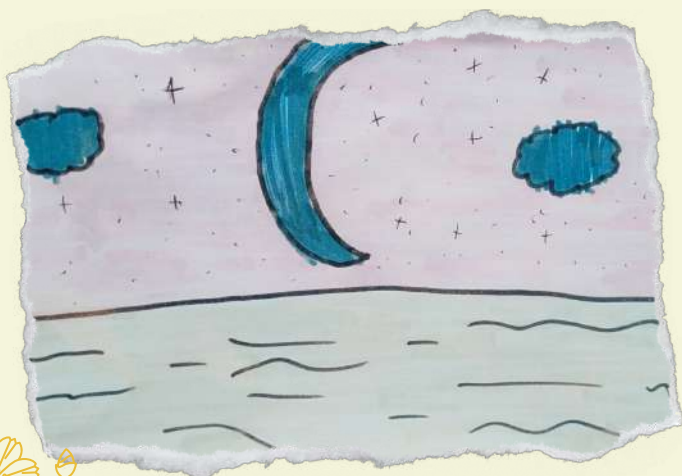


A DESCONEXÃO

Naquela sexta-feira da pandemia, numa noite de primavera, as professoras da escola, localizada no “mar de morros”, estavam animadas, em frente aos seus quadradinhos virtuais, com histórias ensaiadas, fantoches, bonecos, cenários cuidadosamente elaborados, tudo preparado para um contato virtual com os estudantes da escola.

Finalmente tinha chegado a hora combinada para a entrada dos infantes! Havia uma expectativa que antecedeu os segundos finais da entrada dos pequenos. Era possível sentir a emoção das docentes!

Entretanto, nada aconteceu. As janelinhas por onde entrariam as crianças permaneceram fechadas e, na sala virtual, só restou decepção.



SOBRECARREGADAS

Nas variadas tentativas de se conectar com as crianças, naquele tempo acinzentado da pandemia, era gritante a ausência de figuras masculinas nas interlocuções entre as crianças e a escola.

No esforço para realização das atividades, seja captação das fotos, áudios e vídeos para serem enviados às professoras, só havia a figura feminina de uma mãe, avó, irmã, tia e madrinha.

Pela tela, surgiam fazendo o jantar, cuidando da casa, com outros filhos no colo ou, ainda, captando a internet do local de trabalho. Eram elas que justificavam o atraso ou a não realização das atividades.

Deixavam-nos perceber o malabarismo que faziam para dar conta dos compromissos impostos a elas.

Podíamos designá-las como heroínas. Ocorre que, no avesso de uma mulher que se desdobra para atender os múltiplos papéis impostos pela sociedade, há uma vítima invisibilizada da pandemia e do patriarcado.



A MORTE

A pandemia paralisara o mundo e a velha professora ficara sem escola para sonhar. Antes disso, outro vírus já dificultara o destino da docente: a distopia brasileira.

Um misto de incompetência, perversão e ilegalidade tomara de assalto o poder nacional, estendendo seus sórdidos tentáculos por todas as instituições.

Nesse cenário de fim de mundo, a mulher tentava manter-se de pé com suas bandeiras à espera de frestas que lhe permitisse sonhar, de voltar para o meio dos infantes e ser feliz

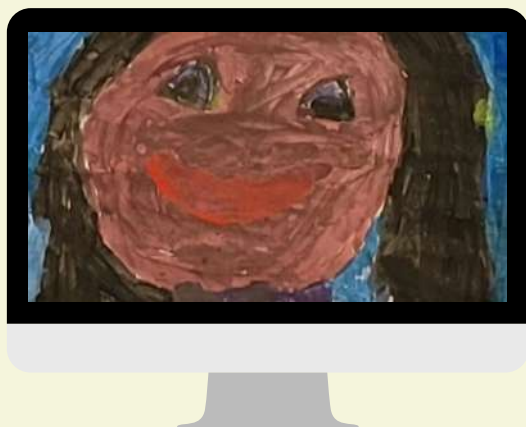
Mas o destino não a queria sorrindo naquele tempo de dor. E, pela manhã, fora informada que o menino de olhos tristes e riso farto, que um dia ela tinha ensinado o caminho da escrita e a beleza da leitura, tinha partido. Havia se tornado um rapaz que a violência encontrou.

E ela, que não acreditava em ex-aluno porque todos ainda vivem em suas memórias, entrou em mais um luto.



JANELINHAS

Cada estudante é uma janela onde vemos as famílias e seus dramas. Entretanto, no tempo da pandemia, a janela é real. Num click, entramos nas casas dos pequenos, com suas paredes sem emboço, os telhados de Eternit, o chão de terra batida, o quarto-sala-cozinha, o alarido de muitos irmãos, a ausência de um lugar para estudar, de livros e, por vezes de agasalho para o corpo na noite fria quando ocorre o encontro. Tudo ali, em frente aos olhos, muitas janelinhas, enfeitadas pelos sorrisos das crianças.





Recreios



O SAGRADO

Diante da lista de atividades do dia, exposta no quadro, a velha professora fizera uma provocação: o recreio é a atividade menos importante do dia.

Mas a menina, que se juntou ao grupo recentemente e por isso não percebera a ironia da docente, sai em defesa do tempo livre:

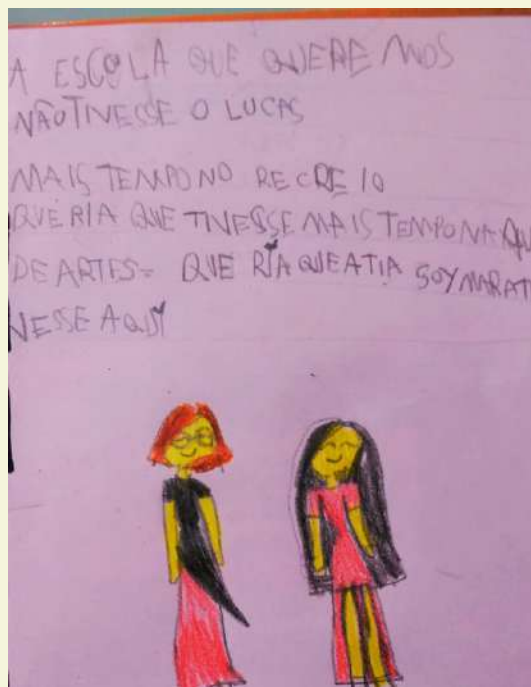
- Que isso, professora? Brincar é sagrado!



SAUDADE

A escola que queremos

- 1 - Não tivesse o Lucas.
- 2 - Tivesse mais tempo de recreio.
- 3 - Queria que tivesse mais tempo de Artes.
- 4 - Queria que a Tia ...estivesse aqui.



O REFÚGIO

Era a hora do recreio e o alarido já era grande. Brincadeiras e corre-corre, como em toda escola normal. Apesar da pandemia, ali se vivia como se ela não existisse.

Entretanto, algumas crianças, na faixa de 8 a 9 anos, espontaneamente, voltaram para sala de aula, pequena e não ventilada, e indagaram a docente que estava por ali, arrumando seus papéis.

- Podemos ficar aqui? Está muita bagunça no pátio.



A POETISA

Uma segunda-feira ensolarada, na brisa agradável de agosto, a professora levou às crianças para o recreio. As crianças, sem perder tempo, estavam em uma movimentação intensa e barulhenta.

Entretanto, alheia ao movimento, uma menina abriu os braços, fechou os olhos com a face voltada para sol e sorriu.

Ao observar a cena, a professora se aproximou e perguntou:

- O que está fazendo, menina?

- Estou namorando com o vento - respondeu sem abrir os olhos.



CONCORRÊNCIA INJUSTA

A velha professora, apesar de experiente parecia uma iniciante. Continuava estudando, planejando e ensaiando para cada encontro com as crianças e ainda sentia borboletas no estômago tal qual ao ver o primeiro namorado.

Entretanto, andava desconfiada que esse amor não era correspondido. Explico: na auto avaliação do trimestre, a atividade inesquecível, citada pela maioria, foi o futebol no recreio, com a bola que ela havia presenteado à turma.



O PERIGO

Era uma sexta-feira e a turma estava há 5 minutos no recreio.

Um barulho ecoa nas proximidades; Tum, tum, ratatatata, tum, tum.

Não precisava de explicação. clima pesa. Tensão e medo entre adultos e crianças.

Vem o comando do inspetor:

- Crianças, acabou o recreio. Vamos para sala, rápido. Quem for ao banheiro ou beber água, use os corredores internos. Cuidado! Atenção!

Em passos acelerados, retornam para sala de aula
O barulho se repete: Tum, tum, ratatatata, tum, tum
Ouve-se a ordem da direção:

-Liga para os responsáveis!

Como se comportar nessa situação? A professora tenta acalmar (se acalmar) e diz que vai contar uma história. É interrompida. Tum, tum, ratatata, tum, tum.

- Professora, não há o que fazer. Só rezar mesmo.
Corpos tenso, risinhos nervosos, algumas lágrimas.
O barulho não para: Tum, tum, ratatata, tum, tum.



A FILÓSOFA

Após um cena de violência entre duas crianças durante o recreio, a professora organizou os estudantes em uma roda, para refletirem sobre aquele fato lamentável.

Começou a conversa, solicitando que os envolvidos, uma menina e um menino, ambos de 6 anos, se explicassem.

A menina iniciou o relato, dizendo que foi ofendida e que revidou dando um tapa no colega.

O menino entrou na conversa.

- Mas mulher que bate em homem é galinha.

A menina não perdeu tempo e bastante exaltada, revidou.

- Ah, tá! E homem que bate em mulher é covarde!

Do lado oposto da professora, uma menina observava aquela situação em silêncio. Mas, depois da troca de ofensas orais entre os colegas, levantou o dedo e pediu para falar.

- Qual o nome de criança que bate em criança ?





***Não é só
comida...***

Titas, 1989



QUIABOS

Na volta do almoço, a professora indaga:

- Menino, qual foi a almoço hoje?
- um purê de fubá...
- Angu?
- Pode ser... E um frango com uns negócios verdes.
- Você gostou?
- Estava bem gostoso! Comi tudo.

A docente esclarece:

- Aquele legume verde chama-se quiabo.

E menino fica transtornado:

- Cruzes, que nojo! Eu vou vomitar!!!



ARROZ E FEIJÃO

Com a volta do ensino presencial, após o período da pandemia, os professores observaram que os estudantes estavam comendo mais, mesmo que o oferecido fosse arroz, feijão e só.

Comiam e pediam repetição, situação que a velha professora lembrou, já tinha presenciado, há muitas décadas atrás, no seu tempo de escola, quando a fome grassava entre todos. Era a década de 70.

Ela observava o acelerado movimento dos pratos azuis em busca de qualquer comida que as merendeiras pusessem ali dentro. Percebeu que tratava-se é um indício de que a cadela da fome vagava naquela comunidade em que se localizava a escola.



FÍGADO

Estávamos na fila do almoço no refeitório da escola e a paciente merendeira, pacientemente, oferecia cada alimento que compunha a merenda do dia.

Perguntou para o menino:

- Quer um fígado?

O gaiato, pensou rápido, olhou o produto de aparência duvidável e não perdeu a piada

- Obrigado. Eu não quero não. Já tenho o meu.



O SUMIÇO

A velha professora saiu à procura da pequena estudante, que sumira na hora do almoço, para localizá-la, na sala de aula, e em cima de uma cadeira, mexendo no armário da docente.

A mulher custou a acreditar no que estava vendo. Sua cabeça roda, as pernas tremem e só consegue ouvir um lamento:

- Tia, desculpa É que lá em casa não tem muita coisa.

Com a mistura de decepção e tristeza, não tem reação audível. O lamento é interno: “Menina, entenda: não são as "coisas". É você, esses anos que convivemos de amor e conversa. Minha aposta em você, em seu presente, tecido aula a aula para um futuro outro daquele traçado pelo destino cruel. Onde falhei? O que deixei de falar, ensinar, suprir? Ah, menina, não faz isso, não deixa a tristeza e a desesperança fazer morada no meu peito.”



MAMÃO COM AÇUCAR

A docente aproveita o tempo apertado do almoço das crianças para também lanchar.

No tempo corridos da docência nem café havia tomado. Acrescenta açúcar a uma porção de mamão e come com expressão do mais delicioso prazer. Não observa, entretanto, que o menino que ainda tem 6 anos a observa com interesse. Astuto, o infante se aproxima e a interpela:

- Professora, agora eu entendi porque dizem que a vida é mamão com açúcar.



TÁTICA

O rapaz era um fenômeno como inspetor: Conhecia todos os 400 estudantes pelo nome, seus responsáveis, sabia dosar o afeto e a firmeza na medida certa, usava a sua experiência de ex-aluno daquele mesmo chão, para compreender e ter empatia com todos, naquele duro território.

Naquele dia, percebeu que o refeitório, no almoço, estava excessivamente barulhento. Com um sorriso nos lábios, gritou:

- Frezza, por que matou o Kuririn?

E crianças, como se estivessem ensaiadas, responderam de modo uníssono.

- Eu estou nervoso, eu estou nervoso!

Os olhos se voltaram para o inspetor e viram o sinal dele para abaixar o tom de voz e o obedeceram.



SÓ COMIDA MESMO

Eram 14:00 horas, 2º turno da escola, quando a menina de 6 anos foi levada à sala da coordenação. Estava se sentindo mal, dor de cabeça, na barriga e tontura

A professora que a acolheu desconfiou dos sintomas e perguntou.

- O que você almoçou, querida?

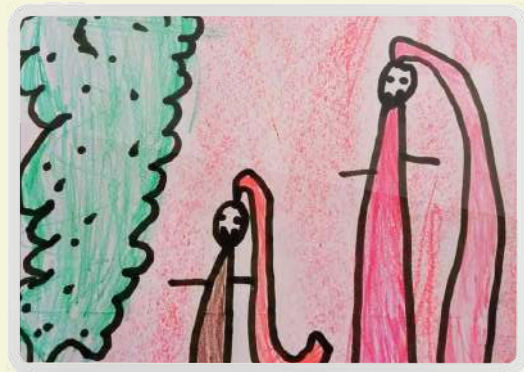
- Eu não almocei, tia. Deixei para almoçar aqui.

Mas, por falta de merendeiras, a escola não havia oferecido almoço.

Tentando contornar a situação, a docente ofereceu:

- Querida, vamos no refeitório. Você pode comer um biscoito, um leite ou uma fruta.

- Ah, tia! Quero não. Eu queria comida mesmo.





***“Oh! Bendito
o que semeia
livros a mão cheia...”***

ALVES, C., Espumas Flutuantes, 1870



O MARACANÃ

A velha professora entre bolsas e livros, se arruma para sair da sala de aula, apressada, e trava um diálogo com o menino.

- Preciso ir rápido porque ainda vou estudar.
- Professora, vc ainda estuda?
- Claro! Estudo muito.
- Sua escola é em Copacabana?
- Não! Fica no Maracanã.
- Tia, você estuda futebol?



MEMÓRIAS

Eram três professoras, mulheres, sobreviventes.

Em conversa trivial, em um encontro fortuito no corredor da escola, tecem fios das memórias, dores e conhecimentos que não estão nos livros e que ninguém quer saber. Cenas marcantes, estudantes inesquecíveis, outros perdidos.

Lembranças de décadas de dedicação à docência, preches de saberes, experiências e afetos.

Ao final, enxugam as lágrimas, fecham o baú dos tesouros desprezados e seguem a vida.



UTOPIA COMO CURA

A velha professora estava recomeçando novamente, após mais uma crise da doença que a abatia. Não era fácil, pensava sempre em desistir, mas ela mesma se assustava com a força que a fazia continuar. Não havia lamento ou dó. Lágrimas às vezes.

E pensando sobre isso, se deu conta da complexidade do afeto que a docência tecia. Que sem amor não se é professor. Trata-se de um afeto para além de um espaço, de uma rede de ensino de amigos, de uma ou 26 crianças.

O afeto que movia a velha senhora era na possibilidade de afetação pelo conhecimento, e dele, para a solidariedade e compromisso pelo próximo ou pelo mundo. Era uma pretensão, sabia.

Entretanto era o que fazia que ela continuasse se movendo no pântano em que (sobre)vivia

Assim, tomada pelo verbo esperar, enche sua bolsa de livros, sonhos e utopia e segue, desejando ser instrumento de outros e novos afetos e afecções.



GRATIDÃO

A ex-aluna procurara a velha professora pelas redes sociais. E escrevera da sua saudade e desejo de abraçá-la. Sobre as memórias que guardara dos dias juntas, quando aprenderam/ensinaram e riram da barriga doer e se emocionaram com os livros e poemas. Ao final, disse que a docente era inesquecível.

O que a menina não poderia supor era a gratidão que a adulta sentiu pela mensagem. As palavras estavam sendo um remédio para a docente que andava atravessando um vale de provações, duvidando de sua capacidade com infantes que tanto amava.

Assim, a professora que, há muito, não acreditava em acaso, agradeceu aos céus pelo sinal enviado na mensagem da moça. Entendeu que seu destino era perseverar, apesar de tudo e de todos.



DIA DE FESTA

A velha professora aprendera a ler embaixo de uma parreira de uvas.

Desde então a mistura das gavinhas, emaranhado em finas hastes e letras faziam morada em seu coração.

O tempo passou, na ação de muitas mãos, o sonho utópico de um pé de livros tornou-se verdade.

A menina, que mora do peito da velha senhora, viveu um dia de festa.



A MEDALHINHA

Na bolsa da professora, além de sonhos, havia canetas, lápis, borrachas, apontadores, livros, matrizes, textos, muitos papéis, cartinhas das crianças, tampinhas para coleção, moedas e algum dinheiro. A organização não era uma qualidade dela.

Quando tentava dar uma ordem naquele pequeno caos, se assustava ao encontrar a pequena medalhinha de Nossa Senhora, presente de sua mãe.

Como ainda não a perdera, solta e largada naquele mundo de coisas?

Ficava intrigada, mas o cotidiano a tragava e o mistério da imagem era esquecido, para ser surpreendida novamente, tempos depois.

Isso durava anos.

Será que a medalhinha tinha escolhido morar ali, junto com suas utopias?



ABRAÇO ANCESTRAL

Era um evento de professores, desses que vamos nos reabastecer de energia e conhecimento para prosseguir, um lugar de encontro.

A professora de crianças viu se aproximar aquela que, há anos atrás, a fizera entender a força e a potência da docência, uma docente-escritora, que em livros e artigos, defendia a valorização e reconhecimento do magistério.

A mais jovem, andava desesperançada, quando leu a segunda pela primeira vez e sentiu-se renovada. A partir daí, devorou os escritos da segunda, que a empoderou. Vestiu capa, espada e orgulho para seguir na profissão.

Aquela senhora nem imaginava o tamanho da gratidão que aquela nem tão jovem professora sentia por ela. E por obra do destino ou atraída pelo olhar de devoção, a velha professora caminhou na direção da primeira e lhe deu um abraço.



MARIDO LIVRO

O professor que chegara recentemente à escola, andava curioso com uma colega que parecia um tanto maluquinha, e resolveu “investigá-la”, através de seus alunos.

- Menino, sua professora é casada?

- Ela foi casada. Mas, depois que nos conheceu, largou o marido para casar com os livros e cuidar da gente. Ela ama muito todos aqui e os livros, e hoje vive com eles e para nós"



Sobre a autora

Soymara Emilião

Doutora e Mestre em Educação, pelo PROPED -UERJ. Cursando o Pós-doutorado no PPGE-UFRJ. Professora Assistente CaP-UERJ e Pedagoga da Rede Municipal de Niterói. Especialista em Psicopedagogia. Coordenadora do projeto de pesquisa e extensão "Conversas entre professorXs: alteridades e singularidades", no CAp/UERJ. Coordenadora do curso de extensão ConMat: Conversas matemáticas com professoras alfabetizadoras. Membro do Conversa com professores: alteridades e singularidades - ConPAS-UFRJ, Diálogos Escolas-Universidade e Polifonia.

FIM